

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LETÍCIA VIDALETI BERNARDO DOS SANTOS

O Bar Naval do Mercado Público de Porto Alegre: memória, identidade e patrimônio

PORTO ALEGRE
2023

Letícia Vidaletti Bernardo dos Santos

O Bar Naval do Mercado Público de Porto Alegre: memória, identidade e patrimônio

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em História.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Kerber

Porto Alegre
2023

Letícia Vidaletti Bernardo dos Santos

O Bar Naval do Mercado Público de Porto Alegre: memória, identidade e patrimônio.

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em História

Porto Alegre, 18 de abril de 2023.

Resultado:

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Adolar Koch- Departamento de História/UFRGS

Prof. Dra. Vera Lúcia Maciel Barroso- Centro Hist. Cultural Santa Casa

AGRADECIMENTOS

Quero, primeiramente, agradecer aos meus pais, Mauro e Lenir, por sempre acreditarem em mim e por fazerem sempre o possível e o impossível para que eu tivesse uma boa educação e pudesse me tornar a pessoa que eu sou hoje. Vocês são os melhores pais que eu poderia ter!

Em segundo lugar, quero agradecer ao meu orientador, Dr. Alessandro Kerber, por ter aceitado o desafio de me orientar neste trabalho; por todo o suporte, atenção e confiança que me deu durante a escrita desta monografia e por ter acreditado no meu trabalho.

Também quero agradecer à Dra. Vera Lucia Maciel Barroso por ter sido minha professora durante os anos de licenciatura na FAPA. Foi uma mentora e inspiração profissional. Obrigada por ensinar História com tanta paixão. Impossível seria não me apaixonar e olhar as questões patrimoniais e de preservação do patrimônio com outros olhos. Você fez toda a diferença na minha formação.

Agradeço ainda ao meu companheiro, Cláudio Fabre, por estar ao meu lado e me dar forças quando eu achava que não iria conseguir e que nada estava bom. Você me fez ver que cada pessoa tem as suas próprias batalhas e vai alcançar os seus objetivos de formas diferentes, mas nunca iguais.

Agradeço, por fim, às minhas amigas e caras colegas, Bruna e Marina. Vocês me acompanharam desde o início nesta jornada. Eu nada seria sem a amizade de vocês.

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo analisar as ativações patrimoniais, como as define Llorenç Prats, estabelecidas em relação ao Bar Naval, situado no Mercado Público de Porto Alegre, em seu centenário, no ano de 2007, e no período a partir de 2011, no qual foram realizadas várias mudanças com vistas a promover um aumento da lucratividade do mesmo. Para tanto, utilizamos como fontes publicações sobre o Bar feitas em seu centenário; um livro publicado; notícias sobre ele nos jornais Correio do Povo e Zero Hora, bem como publicações e imagens do período a partir de 2011.

Palavras-chaves: Bar Naval, Patrimônio; Identidade; Memória.

RESUMEN

Esta monografía tiene como objetivo analizar las activaciones patrimoniales, tal como las define Llorenç Prats, establecidas en relación al Bar Naval, ubicado en el Mercado Público de Porto Alegre, en su centenario, en el año 2007, y en el período a partir de 2011, en el que varios se realizaron cambios con la intención de promover un incremento en su rentabilidad. Para eso, utilizamos como fuentes publicaciones sobre el Bar realizadas en su centenario; un libro publicado; noticias publicadas sobre él en los periódicos Correio do Povo y Zero Hora, además de publicaciones e imágenes del período a partir de 2011.

Palabras clave: Bar Naval; Patrimonio; Identidad; Memoria.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. O MERCADO PÚBLICO DE PORTO ALEGRE	11
1.1 BAR NAVAL: UM ESPAÇO DE PRESERVAÇÃO	11
2. MEMÓRIA, IDENTIDADE E PATRIMÔNIO DE UM NAVAL CENTENÁRIO.....	14
2.1 UMA BREVE ANÁLISE DE REPORTAGENS E FOTOGRAFIAS DO HISTÓRICO NAVAL.....	19
CONCLUSÃO.....	25
REFERÊNCIAS	26

INTRODUÇÃO

O objeto de pesquisa deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é o Bar Naval do Mercado Público de Porto Alegre. Propôs-se analisar quais foram as mudanças ocorridas nele durante o período de 2007 a 2011. Além de ser um espaço de convívio, é uma referência histórica e cultural da cidade.

Escolheu-se abordar o Bar Naval, porque foi o lugar em que o pai da autora trabalhou por 32 anos. Ela cresceu dentro do bar e, com isso, a sensação de pertencimento aumentou nela com o tempo. As lembranças são presentes de quando se era criança e brincava-se no salão; entrava-se na cozinha para pegar um bolinho de carne, ou simplesmente sentava-se dentro do bar, atrás do balcão, com o seu João, antigo proprietário do estabelecimento. São lembranças felizes de um Naval que hoje só existe, mesmo, na memória dos seus antigos frequentadores e que merecem serem resgatadas.

Estas memórias as vezes são relembradas pelo meu pai, que conta alguns casos do bar, como eram os clientes, relembra antigos frequentadores que todos os dias davam uma passada no Naval, uma ou outra personalidade do meio político que ia até o bar tomar um chopp e comer um bolinho de bacalhau e acabava por fazer um discurso inflamado, boêmios que declamavam poesias e cantavam as dores dos amores perdidos.

Tive a oportunidade também de ouvir um pouco mais da história do Bar Naval, quando pude acompanhar a Prof.^a Dra. Vera Lucia Maciel Barroso e a Carla Marques portuguesa que mora em Gravataí e é uma das fundadoras da Casa do Açores do Rio Grande do Sul fizeram uma série de entrevistas para o livro que comemora os 270 anos da chegada dos açorianos em Porto Alegre, e dois entrevistados foram o meu pai Mauro Bernardo dos Santos e Sulani Maria da Costa, no relato meu pai fala dos pratos que eram servidos no bar, o peixe ensopado, a “terrível feijoada”, o bolinho de bacalhau, e das personagens históricas que ele atendia entre estas destaco Lupicínio Rodrigues. Estas memórias não podem se perder no tempo é necessário fazer um trabalho para preservar as memórias de um bar que só existe nas fotografias e na lembrança dos frequentadores e dos antigos trabalhadores.

Outro motivo para a escolha deste tema foi a necessidade de mostrar a importância do bar enquanto patrimônio histórico da cidade e da construção da identidade local. Com este TCC pretendeu-se caracterizar a mudança de identidade sofrida no Bar Naval entre os anos de 2007 e 2011, bem como identificar o mesmo como um espaço de preservação da memória e do patrimônio histórico porto-alegrense, e por fim analisar a importância histórica do Bar Naval e do Mercado Público enquanto bens patrimoniais.

Durante a investigação de fontes e obras que tratassem do Mercado Público, não se conseguiu, de fato, encontrar muito material na área de História. Há alguns trabalhos que mencio-

nam o Mercado Público de Porto Alegre na área da Arquitetura, dos quais se fez uso.

Já a Mestre em Arquitetura, Leonora Romano, na sua tese de dissertação “Edifícios de mercados gaúchos: uma arquitetura dos sentidos”, faz uma breve descrição do Mercado em 1914, quando recebeu o segundo pavimento, e das lojas que foram instaladas nos quatro quadrantes, deixando o centro do Mercado, como a própria autora diz, “definindo uma circulação cruzada”. Ela também fez um breve apanhado da última grande reforma feita no ano de 1997, quando o lugar ganhou uma cobertura que cobriu todo o seu pátio e terraço.

A dissertação de Fernanda Severo “Mercados de Porto Alegre: entre a cidade real e as cidades ideais”, infelizmente não está disponível para consulta na internet.

Um dos principais autores que trabalhados neste projeto é o jornalista Rafael Guimaraens, autor do livro “Mercado Público: palácio do povo”. Nesta obra, que retrata desde a construção do Mercado, em 1869, até sua reforma em 1997, ele nos apresenta os primeiros comerciantes; as negras-minas que vendiam mocotó e ervas medicinais; a chegada dos primeiro italianos; a construção do segundo andar, bem como as catástrofes pelas quais o lugar passou – incêndios, enchentes e a tentativa de demolição na década de 70 por parte da prefeitura.

A obra também conta as histórias do príncipe negro Custódio; do Bará do Mercado e do culto à religião de matriz africana, bem como a história de alguns dos mais antigos e importantes bares e restaurantes que existem até os dias de hoje.

Nesta pesquisa, um dos conceitos trabalhados foi com o de ativações patrimoniais, as quais serviram para a construção de uma identidade do Bar Naval e de seus frequentadores antes da sua venda e reforma. O conceito serviu para entender, ainda, como esta identidade acabou se modificando nos últimos anos.

Para Prats (2006), ativações patrimoniais são mobilizações de valores atribuídos aos elementos memoriais. Essas ativações podem ser feitas por agentes sociais, sociedade civil e poder público. As ativações se dão por várias razões, sendo do ponto de vista da autora deste trabalho a principal delas para atrair turistas. O governo – e pode-se mencionar também o setor privado –, por sua vez, acabam investindo dinheiro na revitalização de patrimônios, não somente para valorizar a sua identidade local/nacional, mas também visando a obtenção de lucro.

Prats explica que o que mobiliza interesses e investimentos em um patrimônio justifica-se pelo seu potencial de representar, simbolicamente, a identidade de grupos sociais. Entende-se que identidade não é uma “essência”, mas uma forma de representar os grupos. Essa representação estabelece expectativas sobre os grupos sociais e suas práticas; estabelece quem faz parte e quem não faz, enfim, estabelece relações de poder. O patrimônio cultural é uma das formas de estabelecer essa representação de identidades.

Segundo Prats, contudo, a partir de meados do século XX, com o desenvolvimento do fenômeno social do turismo, surgiu um novo tipo de ativação patrimonial, o qual não era mais motivado pela vontade de construção de identidades, mas especificamente com objetivo de lucro.

Este TCC tem como objetivos identificar o Bar Naval como um espaço de preservação da memória e do patrimônio histórico porto-alegrense, assim como, ao longo da pesquisa, caracterizar a mudança de identidade que o Bar Naval sofreu, e analisar a importância histórica do Bar Naval e do Mercado Público enquanto bens patrimoniais.

Abreu (2009) postula que o patrimônio traz a ideia de propriedade, ou seja, pode-se considerar o Bar Naval como sendo um bem patrimonial que representa a identidade dos seus frequentadores que mantiveram por muito tempo uma estrita relação com o bar:

Foi apenas a partir do ideário desencadeado pela Revolução Francesa que o significado de patrimônio estendeu-se do privado, dos bens de uma pessoa ou de um grupo de pessoas – a nobreza –, para o conjunto de cidadãos. [...] É no período pós-revolucionário que obras de arte, castelos, prédios e também paisagens vão constituir todo um arsenal de bens a serem preservados para um conjunto maior de pessoas. A emergência da noção de patrimônio, como bem coletivo associado ao sentimento nacional, dá-se inicialmente num viés histórico e a partir de um sentimento de perda. (ABREU, 2009, p. 35).

Esta citação de Abreu vai ao encontro das ideias de Choay, o qual também coloca em seu livro, “A alegoria do patrimônio”, que a proteção dos bens patrimoniais foi iniciada com a Revolução Francesa.

O mesmo ainda coloca que a representação destes é necessária, mas também suficiente, para que cumpram sua função historiográfica, agora que, de domínio até então reservado aos letrados, “a história se tornou um dos principais estudos dos verdadeiros cidadãos” (CHOAY, 2001, p. 96), assim como afirmou Abreu.

As fontes utilizadas na pesquisa são reportagens dos jornais Correio do Povo e Zero Hora do acervo pessoal da autora deste trabalho, assim como pesquisa realizada pela mesma no Museu de Comunicação Hipólito da Costa. Foi feito um recorte de reportagens do ano de 2007 e 2011. Segundo Bárbara Souto e Roger Anibal: “[...] o jornal é uma valiosa fonte para os estudiosos de fins do século XIX, desde que sejam tomados os devidos cuidados metodológicos”.(SOUTO; SILVA, 2012, p. 2)

Já para Morel e Barros, a partir da renovação das abordagens culturais e políticas, a imprensa alcançou novo patamar, sendo considerada uma importante fonte de pesquisa “e também agente histórico que intervém nos processos e episódios, em vez de servir-lhe como simples reflexo” (MOREL; BARROS, 2003, p. 8-9).

Em 1988, a historiadora Maria Helena Capelato afirmou ser a imprensa manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, pois “possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos” (CAPELATO, 1988, p. 13).

Mas se deve ter muito cuidado ao usar este tipo de recurso, porque é muito subjetivo e faz uma análise dos fatos conforme o que lhe é conveniente, e muitas vezes essa análise e transmissão de informações pretendem alcançar um determinado público e formar as mais diversas opiniões.

Os jornais *Correio do Povo* e *Zero Hora*, que são fontes de pesquisa desta monografia, têm como público principal as classes mais abastadas da sociedade, tendo uma linguagem diferente dos jornais que são escritos para as camadas mais baixas.

Kalina e Henrique Silva, no “Dicionário de conceitos históricos”, postulam o seguinte:

Desde então, a fonte histórica passou a ser construção do historiador e de suas perguntas, sem deixar de lado a crítica documental, pois questionar o documento não era apenas construir interpretações sobre ele, mas também conhecer sua origem, sua ligação com a sociedade que o produziu, entre outros (SILVA, 2005, p. 159).

Porém, ainda assim, deve-se tomar muito cuidado ao pesquisar jornais, porque eles são escritos de acordo com o que convém a quem os produz. Além dos jornais, foram utilizadas imagens. Por meio da análise delas pretendeu-se demonstrar as permanências arquitetônicas do Naval. Restaram pouquíssimas, contudo, seguem frequentadas, atualmente, por outro público.

No seu trabalho sobre o método Panofskyano, Vera Pugliese diz que a relação entre duas imagens de períodos diferentes poderia ser admitida sob a condição de que estivessem – ou poderiam estar – implicadas por uma cadeia iconográfica e/ou de fontes literárias que as reportassem a uma origem comum mediante à comprovação documental, seja ela escrita ou imagética (PUGLIESE, 2012, p. 2).

A fotografia é um recorte da realidade, um corte que promove o congelamento do fluxo do tempo na imagem e, também, um recorte espacial da realidade, através do ângulo, do enquadramento e dos efeitos escolhidos para tratar do tema fotografado. O historiador deve colocar a imagem fotográfica em seu tempo e pensa-la em relação a cultura visual [...], ao visível que diz respeito à esfera do poder, à ditadura do olho e à visão relacionada aos instrumentos e às técnicas de observação e aos papéis do observador (MENEZES, 2003, p. 11-36).

Ialè Costa no seu trabalho de conclusão do ano de 2009 afirma que a fotografia é feita em um instante; em um pequeno momento de registro de uma cena, que se faz eternizado como documento, vivendo como uma representação. O registro fotográfico é um documento único, particular, devendo ser entendido assim, pois ele se faz através de um processo de construção específico.

Para Kossoy, é necessário compreender que a representação fotográfica pressupõe uma elaboração na qual uma nova realidade é criada em substituição “daquilo que se encontra ausente” (KOSSOY, p. 41).

1. O MERCADO PÚBLICO DE PORTO ALEGRE

O Mercado, local de referência pública e histórica da cidade, foi inaugurado em 1869 para abrigar o comércio de abastecimento da cidade. Tombado pelo IPHAN¹ como bem cultural, passou entre 1990 e 1997 por um processo de restauração, tendo resistido a incêndios, a uma enchente e à diversas tentativas de demolição. O prédio, localizado no Centro da Capital, tem uma trajetória de 153 anos.

Inaugurado em 1869 e aberto ao público no dia 1º de janeiro do ano seguinte, o Mercado Público foi o grande centro de abastecimento até a década de 1950, quando o comércio nos bairros começou a se fortalecer. Não foram poucas as vezes em que sua função foi questionada: em tempos de supermercados, quem precisaria dele? Bem, muita gente. Além de fornecer mercadorias especializadas, de erva-mate a produtos de confeitaria, o lugar acumulou um significado histórico, cultural e turístico.

Em 5 de julho de 1912, um grande incêndio prejudicou a reforma que acabaria por acrescentar o segundo andar. No inquérito administrativo conduzido por José Montaury, o motivo foi um gato que teria pulado da banca 18 para a banca 19, derrubando uma garrafa de querosene – acredite-se ou não. O Mercado sofreu mais 3 incêndios: em 1976, 1979 e em 6 de julho de 2013, além de ter sido severamente castigado com a enchente de maio de 1941.

Destaca-se que a cultura e as religiões afro-brasileiras são parte fundamental da história do Mercado Público. No livro de sua autoria, o jornalista Rafael Guimaraens² conta que os escravos libertos em Porto Alegre, no final do século XIX, encontraram um espaço no local para vender produtos e para se candidatar a empregos informais.

Além disso, na reforma da década de 1990, decidiu-se retirar a banca central, deixando o cruzamento dos dois corredores perpendiculares livres para o culto ao orixá Bará, que estaria assentado no local.

1.1 BAR NAVAL: UM ESPAÇO DE PRESERVAÇÃO

O Bar Naval foi fundado em 1907, tendo como primeiro dono o italiano Angelo Crivellaro. Após ele, passaram mais dois proprietários, ambos alemães. Em 1953, o espaço teve como

¹ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

² Rafael Guimaraens nascido em Porto Alegre em 25/05/1956 é jornalista desde 1976, foi repórter, editor e secretário de redação da cooperativa dos jornalistas de Porto Alegre. É autor de vários livros, entre eles o livro Mercado Público Palácio do Povo de 2012.

proprietário o português Antônio Lopez Branco, e em abril de 1961 dois novos proprietários assumiram a navegação do Naval: João da Costa Fernandes e seu irmão Manoel da Costa, ambos já falecidos.

Os trapiches estão abarrotados de barcos, e a algaravia toda converge para o Mercado. E essa gente precisa se alimentar! Angelo Crivellaro [...], percebe essa tendência. No dia 1º de maio de 1907 ele transforma seu concorrido armazém de secos e molhados em um caprichado *restaurante a la minuta* (GUIMARAENS, 2012, p. 52).

O Bar Naval foi um importante reduto boêmio, sendo frequentado por personalidades políticas como Flores da Cunha (1880-1959), general e político brasileiro, tendo sido interventor federal e, posteriormente, presidente eleito do estado do Rio Grande do Sul, bem como senador pelo mesmo estado, além de Leonel Brizola (1922-2004), engenheiro civil e político brasileiro, lançado na vida pública por Getúlio Vargas, tendo sido o único político eleito pelo povo para governar dois estados diferentes (Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro) em toda a história do Brasil. Menciona-se ainda João Goulart (1918-1976), conhecido popularmente como "Jango", o qual foi um advogado e político brasileiro, 24º presidente do país, de 1961 a 1964. Antes disso, também foi vice-presidente, de 1956 a 1961, tendo sido eleito com mais votos que o próprio presidente, Juscelino Kubitschek.

Alguns músicos também frequentaram o Naval, dentre esses destaca-se, primeiramente, Lupicínio Rodrigues (1914-1974), cantor e compositor brasileiro. Lupe, como era chamado desde pequeno, compôs marchinhas de carnaval e sambas-canção – músicas que expressam muito sentimento, principalmente a melancolia por um amor perdido. Foi o inventor do termo *dor-de-cotovelo*, que se refere à prática de quem crava os cotovelos em um balcão ou mesa de bar, pede um uísque duplo e chora pela perda da pessoa amada. Constantemente abandonado pelas mulheres, Lupicínio buscou em sua própria vida a inspiração para suas canções, onde a traição e o amor andavam sempre juntos. Thedy Correa, músico e vocalista da banda de rock gaúcha “Nenhum de Nós”, vem em seguida. Escritor e apresentador, iniciou a carreira com a banda em meados dos anos 1980 com um grande sucesso: a canção Camila, tida hoje como um clássico do rock brasileiro, colocando Nenhum de Nós entre as grandes da cena no país.

O Bar Naval também era frequentado por uma figura muito conhecida no Mercado Público: Walter Calixto Ferreira, mais conhecido como Mestre Borel (falecido em 04/07/2011), um dos principais representantes das religiões afro-brasileiras e da cultura negra no Rio Grande do Sul, era carnavalesco, escritor e pesquisador. Considerado o mais antigo alabê (tamboreiro de candomblé ou batuque) e também um dos principais responsáveis pela preservação da

cultura e da história dos povos africanos em Porto Alegre, sua história foi tema do documentário “Mestre Borel: a Ancestralidade Negra em Porto Alegre”, dirigido por Anelise dos Santos Guterres, no ano de 2010.

O Bar Naval, localizado na parte externa do Mercado Público, além de ser um espaço de convívio, é uma referência histórica e cultural de Porto Alegre, conforme evidenciado por intermédio de seus frequentadores. E nos últimos anos, houve uma mudança muito evidente de identidade do público frequentador:

[...] sob nova direção, a casa repagina seu visual e sofisticou seu cardápio, embora mantenha os clássicos mocotó e o bolinho de bacalhau. Lembranças da vida boêmia sobrevivem apenas em resquícios na nova arquitetura e na memória da antiga clientela (GUIMARAENS, 2012, p. 53).

Por esse motivo, a autora do TCC acredita que é importante fazer uma análise sobre como e porque ocorreu a mudança e identificar a importância histórica do “Bar Naval” para os seus frequentadores e para o Mercado Público. Fazer um resgate da memória do local, mostrando para as pessoas a relevância que o espaço tem enquanto patrimônio histórico na construção da identidade porto-alegrense é fundamental.

Stuart Hall diz que as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado (HALL, 1999, p. 12).

Está claro que, com as mudanças físicas e sociais que ocorreram no Bar Naval a partir do ano de 2010, a identidade dos frequentadores também mudou. Já não é mais possível ouvir as cantorias ou as discussões acaloradas de seus antigos frequentadores. O que se vê agora é um lugar frequentado e feito para a elite.

Como diz Guimaraens (2012), as lembranças da vida boêmia sobrevivem apenas em resquícios na nova arquitetura e na memória.

Segundo Jacques Le Goff (2003), a memória é a propriedade de conservar certas informações. O estudo da memória passa da Psicologia à Neurofisiologia, com cada aspecto seu relacionando a uma ciência diferente, sendo a memória social um dos meios fundamentais para se abordar os problemas do tempo e da história.

E enquanto a História representa fatos distantes, a memória age sobre o que foi vivido. Na verdade, a forma de maior interesse para o historiador é a memória coletiva, composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo. O estudo histórico da memória coletiva começou a se desenvolver com a investigação oral. Esse tipo de memória tem algumas características bem específicas:

primeiro gira em torno quase sempre de lembranças do cotidiano do grupo [...]. Em segundo lugar, a memória coletiva fundamenta a própria identidade do grupo ou comunidade [...]. (SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique, 2006, p. 276).

O trabalho de resgate da memória é muito importante para perpetuar a nossa história através das gerações e trabalhar com as questões que foram falhas no passado para não se repetirem no presente e melhorar o futuro. São através do resgate da memória e da identidade que preservamos os nossos prédios e monumentos.

2. MEMÓRIA, IDENTIDADE E PATRIMÔNIO DE UM NAVAL CENTENÁRIO

O que se propôs aqui fazer foi analisar quais foram as mudanças que ocorreram no Bar Naval no que se referem às fontes pesquisadas e as ativações patrimoniais ao longo dos últimos anos. Essa mudança se deve ao fato de o bar ter sido vendido e reformado posteriormente. A reforma fez com que o espaço adquirisse uma sofisticação muito diferente de sua aparência original, alterando substancialmente seu público frequentador que antes era de origem boemia e humilde e que agora passou a ser de um público com mais poder aquisitivo.

O Bar Naval, localizado em um espaço importante da cidade, manteve ao longo de sua existência uma relação intensa com o público porto-alegrense boêmio e frequentador do Mercado Público.

Guimaraens, em seu livro Mercado Público: palácio do povo, diz:

[...] se consolida como um dos espaços boêmios mais peculiares do Mercado Público, um microcosmo da vida mundana da cidade. [...] se encontram jornalistas, políticos com perfil popular, intelectuais, artistas, poetas consagrados ou aspirantes, músicos da noite, sindicalistas [...] (GUIMARAENS, 2012, p. 53).

Este trabalho, que visa problematizar o público frequentador do Naval, é norteado por três conceitos que são abordados no decorrer da narrativa, identidade, patrimônio e memória.

“Lembranças da vida boêmia sobrevivem apenas em resquícios na nova arquitetura e na memória da antiga clientela” (GUIMARAENS, 2012, p. 53.). Esta afirmação de Guimaraens vai ao encontro da hipótese desse TCC. Devido às mudanças físicas e sociais, ocorreu uma mudança de identidade do público que frequentava o Bar Naval. Desde a sua fundação, como já foi dito anteriormente, o Bar Naval era frequentado por um público específico boêmio. No ano de 2010, depois de 50 anos à frente da administração do bar, o português João Fernandes da Costa vendeu o centenário espaço do Mercado.

O bar passou por uma reforma e, em dezembro de 2011, reabriu as suas portas totalmente renovado. O Jornal Correio do Povo escreveu que “apesar da reforma, que restaurou estruturas, instalou ar climatizado e abriu sanitários privativos para os usuários do restaurante, o Naval preserva sua identidade muito próxima do original, datada de 1907. (CORREIO DO POVO, 2011, p. 25).

Essa reforma acabou – talvez não intencionalmente – mudando a identidade do bar. Um dos conceitos norteadores de seu artigo, Stuart Hall (1999) coloca que a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato e existente na consciência no momento do nascimento.

O público boêmio não figurava apenas de noite no bar, mas ao longo do dia, e seu público era bem diversificado, sendo uma vez ou outra frequentado por outras camadas da sociedade, como já foi dito anteriormente. No entanto, com as mudanças realizadas, o seu público mudou drasticamente, já que não há mais nada que caracterize o bar, e as camadas mais baixas deixaram de ir ao local.

Uma reportagem da Zero Hora do dia 5 de maio de 2007 traz uma matéria sobre a comemoração do centenário do bar e conta um pouco dos seus frequentadores, além de relatar alguns fatos pelos quais o bar passou – já mencionados previamente. Pode-se observar na foto abaixo o tipo de frequentadores do estabelecimento nessa época; sua arquitetura e seu estilo, que foram mantidos ao longo dos 100 anos de história do bar – história essa, e também do Mercado, mantidas nas paredes através de fotos e poesia.

Imagem - 1



Reportagem do Jornal Zero Hora
Fonte: Zero Hora, 2007.

Imagem - 2



Reportagem Jornal Zero Hora

Fonte: Zero Hora, 2007.

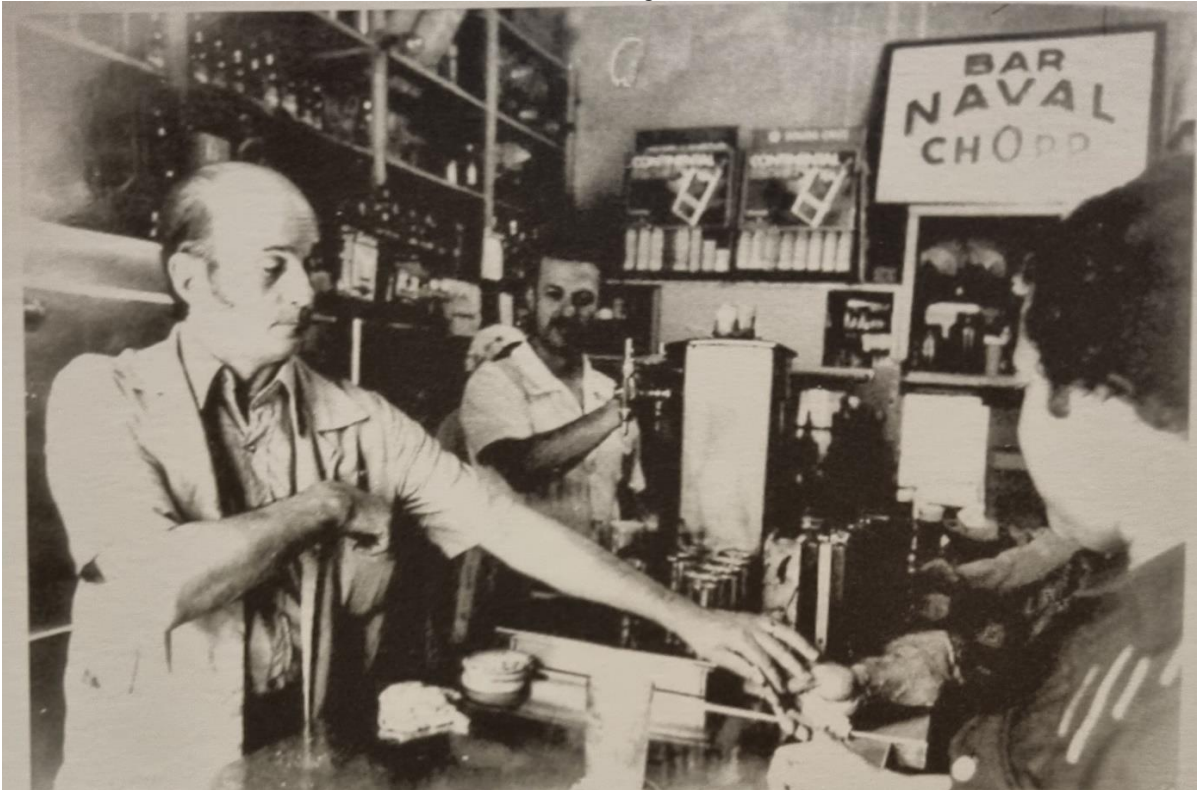
Mas não é apenas a mudança de identidade do Bar Naval que se buscou abordar neste texto, mas também a importância do espaço e também do Mercado Público como espaços de preservação patrimonial.

O patrimônio é um bem do passado que, pela sua importância, deve ser preservado para que as gerações futuras o reconheçam como parte de sua história. O patrimônio traz memórias do passado da sociedade, e dessa forma ele identifica um grupo social e mostra a identidade desse grupo.

Com a reforma do bar, não só a sua identidade mudou, como também houve a mercantilização do seu espaço. Como Prats (2006) postula: “A mercantilização do patrimônio ocorre como consequência da evolução social, ocorre na medida em que o turismo existe”. As principais funções de um patrimônio, que seriam a de preservar a história e resgatar a memória de um grupo social, passam a ser funções secundárias, já que os espaços acabam sendo preservados para atrair turistas.

O Bar Naval, após sua reforma, passou a atrair um grande número de turistas que vão ao restaurante e tem uma experiência gastronômica muito próxima da que teriam se estivessem em um restaurante genuinamente português.

Imagem 3



Seu João da Costa Fernandes na frente do balcão do Naval
Fonte: Livro Mercado Público: palácio do povo

Assim é o Mercado Público de Porto Alegre. Ele é uma parte da história da cidade e não só dos “mercadores”, como são chamados os permissionários – donos das bancas e lojas do espaço –, mas também é parte da história dos frequentadores.

Quem nunca andou pelos seus corredores ou frequentou os bares e bancas de especiarias? Assim como o Bar Naval conta histórias de seus frequentadores, o Mercado, em uma amplitude maior, também tem suas memórias; suas histórias.

Namoros engrenam, casamentos se desfazem, traições se consumam, amizades se fortalecem, intrigas espreitam, conspirações se alentam, revoluções se combinam, até que a saideira prenuncia o fim daquele incontrolável delírio diário (GUIMARAENS, 2012, p. 53).

O Mercado também carrega em seus corredores muitas histórias que estão na memória do público que o frequenta. Varine (2000) explica que um patrimônio é importante para o passado, porque ele serve como produção de uma sociedade para o presente e alimenta a cultura

viva na qual ela pertence. Ele tem sua relevância também para o futuro como recurso a ser explorado.

A noção de patrimônio é revestida de uma dimensão social que ressalta os sentidos de lugar, os quais, por sua vez, nutrem a experiência de habitar as cidades e o constante refazer das identidades no espaço urbano. Sendo assim, o Mercado Público passa a ser uma unidade material de mais significação no centro da cidade – possivelmente mais importante do que o próprio prédio da administração da cidade. Por isso, o Naval, além de sua identidade, estabelece imaterialmente a sua importância nesse espaço público da cidade.

Para Fonseca (2003), o patrimônio histórico possui como principal atribuição de valor suas características físicas ou importância histórica, ou seja, pode-se entender como patrimônio cultural tudo aquilo que os grupos sociais se apropriam ou praticam no seu dia-a-dia.

Obviamente que não se pode pensar o Bar Naval enquanto bem patrimonial e espaço da preservação da memória sem pensar no espaço do Mercado Público, afinal o bar não é um ambiente separado do Mercado. Porém, a autora deste trabalho percebe que o bar carrega atributos de materialidade e de imaterialidade. Segundo o IPHAN:³

[...] os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas e nos lugares, tais como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas.

Mas como um espaço carregado de história e memória, o Bar Naval não é o mesmo de antigamente, como já foi descrito.

Quem vai ao Naval atualmente não encontra mais os mesmos frequentadores, e nem os mesmos pratos característicos do local. O Bar Naval se tornou um ponto de encontro, hoje, das pessoas com um poder aquisitivo maior. Seu interior foi totalmente modificado, restando apenas alguns resquícios do que um dia foi ponto de encontro de boêmios, cantores, poetas, políticos e da “malandragem”.

Essa mudança de característica acabou por romper com a identidade que existia entre frequentadores e o bar. Com sua reforma e sofisticação, essa identidade acabou sendo rompida. O Bar Naval de antigamente, como muitos frequentadores, trabalhadores do próprio Mercado e até mesmo transeuntes conheciam, não passa hoje de uma memória. Segundo Le Goff (2003):

[...] memória é a propriedade de conservar certas informações, ela é a conservação e releitura dos vestígios do passado, caracteriza-se pelo comportamento narrativo que

³ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

possui uma função social, que é a comunicação ao outrem, de uma informação, na ausência do comportamento ou do objeto que constitui o seu motivo.

Portanto, não se deve deixar essas memórias se perderem no tempo, e precisa-se buscar meios de transmitir e conscientizar a sociedade do significado histórico que o Bar Naval e o Mercado Público têm para a cidade de Porto Alegre – para seus moradores e frequentadores.

2.1 UMA BREVE ANÁLISE DE REPORTAGENS E FOTOGRAFIAS DO HISTÓRICO NAVAL

Entre os anos de 2007 e 2011, o Bar Naval foi tema de reportagem nos jornais Zero Hora e Correio do Povo em três ocasiões: no seu centenário, em maio de 2007, e depois no Correio do Povo em março e dezembro de 2011, onde as reportagens tratavam, respectivamente, da sua venda e da sua reabertura totalmente reformado.

As reportagens sobre o Bar Naval, em ambos jornais, estavam no caderno geral, sendo a reportagem do seu centenário no jornal Zero Hora em uma página inteira contando brevemente a história do local. As reportagens que saíram no jornal Correio do Povo eram apenas notas pequenas sem grande destaque.

Como mencionado anteriormente, as reportagens do Correio do Povo estão na sessão geral do jornal, e sem um repórter assinando as pequenas notas do mês de março e dezembro de 2011. Entretanto, na pesquisa realizada nas edições do Museu de Comunicação Hipólito da Costa, observou-se que o caderno tem um editor que a autora deste TCC acredita ter sido o responsável pelas reportagens ou por delegar a um grupo de repórteres que escrevessem as matérias de destaque e as notas. O editor, na ocasião, era o jornalista Paulo Mendes, natural de Cacequi e formado pela UFSM em 1982. Trabalha no Correio do Povo desde meados de 1990, e desde o ano de 2009 é colunista do jornal no caderno Correio Rural com a coluna Campereada. E em fevereiro de 2011, com a aposentadoria de Luiz Schuch, assumiu a editoria de geral do Correio do Povo. Segundo Paulo, o que não se encaixa nos outros editoriais vai para o geral, ou seja, as notas referentes ao bar não tinham lugar em qualquer outra seção do jornal.

Com relação à repórter que assina o texto da Zero Hora, Bianka Nieckel, ela foi até o ano de 2012 sendo repórter e editora do jornal e, atualmente, é assessora de comunicação da Secretaria de Desenvolvimento.

Durante a pesquisa da biografia dos repórteres, não se encontrou nada que os ligasse de uma maneira mais “íntima” ao bar; que pudesse talvez justificar as matérias. Do ponto de vista

de quem escreve este trabalho, foi apenas mais um trabalho que foi designado, dado a relevância do bar por ser um dos mais antigos da cidade.

Imagem - 4



Reportagem do Jornal Correio do Povo

Fonte: Correio do Povo/2011.

Portanto, o que se pode analisar nessa reportagem de 17 de março de 2011, é que o público frequentador do Naval compunha-se de camadas populares – apesar de serem mencionados políticos –, como músicos e artistas. São mencionados também os pratos tradicionais que eram servidos como bolinho de bacalhau, feijoada e o mocotó, os quais são pratos bem populares e simples.

Essa reportagem também expõe a importância do Bar Naval como um local de relevância histórica e que deve ser preservado enquanto um bem patrimonial, cuja história está atrelada à do Mercado Público. O jornal Correio do Povo é um jornal de grande circulação em Porto Alegre, sendo destinado às classes média e alta:



Reportagem do Jornal Correio do Povo
Fonte: Correio do Povo/2011.

Já nessa pequena matéria do mesmo jornal, nove meses depois, ela traz a notícia da reabertura do Bar Naval totalmente reformado. Pode-se observar na leitura da reportagem que as características físicas do bar mudaram com a reforma.

Então, com a reforma e mudança de proprietário, quem passou a ser o público frequentador do Bar Naval? Através do que é colocado no texto acima, o público frequentador acabou mudando drasticamente após sua reabertura, e como se pode perceber isto?

É através da narrativa do escritor, o qual coloca que o bar ganhou banheiros privativos e ar climatizado. Mas discorda-se quando foi afirmado que preservou sua identidade muito próxima da original, como se verá adiante. Do ponto de vista da escritora do TCC, foi criada uma nova identidade com um novo público frequentador, já que os antigos e assíduos frequentadores do local deixaram de ir nele.

Bardin (1977) postula, em seu livro *Análise de conteúdo*, o seguinte: "Apelar para estes instrumentos de investigação laboriosa de documentos, é situar-se ao lado daqueles que, de Durkheim a P. Bourdieu, passando por Bachelard, querem dizer não à ilusão da transparência dos fatos sociais, recusando ou tentando afastar os perigos da compreensão espontânea (BARDIN, 1977, p. 28).

Outras características que contribuem para esta mudança de identidade do local e seu cardápio – que foi reformulado –, pratos mais elaborados e sofisticados foram feitos sob a consultoria de um chef totalmente diferente do antigo Naval, que servia bolinhos de bacalhau, batata e carne, sem mencionar a terrível feijoada e o violento mocotó, todos a preços “honestos”. Hoje, ao ir no “novo” Naval, o cliente encontrará risoto de frutos-do-mar e outros tantos pratos, por assim dizer, “sofisticados” para a antiga clientela.

Figura - 6



Foto do interior do Bar Naval antes da sua venda e reforma.
Fonte: Acervo pessoal.

Far-se-á, agora, uma análise de imagens de dois ângulos distintos do Bar Naval antes de sua reforma, e de como ele está hoje em dia após ter sido vendido e reformado. Será possível observar a mudança drástica de estilo e de identidade sofrida no bar.

A imagem acima é anterior a 1997. Como se pode saber disso? O Bar Naval, no ano de 1997, passou por uma reforma – assim como todas as lojas e o próprio Mercado Público.

Analisando a imagem, pode-se perceber que o estilo do local é bem simples e remete ao popular. Os azulejos das paredes são amarelos e vieram de Portugal; as mesas são de madeira e com toalhas de plástico amarelas. Não há uma decoração específica nem um requinte no local. As paredes são azuis, e é possível observar na imagem que, no alto, há uma prateleira com garrafas de bebidas e um quadro pendurado na divisa do salão.

Ao fundo, na porta que dá para a parte interna do Mercado, vê-se um adesivo da Coca-Cola colado no vidro; à esquerda, um calendário, e à direita, um pôster e uma adesivo na parede de marca de cerveja, assim como alguns adesivos. Acima da porta encontra-se uma placa simples de identificação “Bar Naval Chopp”, e o piso do Naval é um piso preto, branco e cinza de uma cerâmica bem comum.

Outros elementos que evidenciam o estilo popular do Naval são os saleiros de plástico em cima das mesas; o estilo de seus frequentadores retratados na fotografia – com suas roupas simples e informais –, bem como o garçom, que era dispensado do uso de camisa e colete – traje que é, geralmente, usado por garçons em restaurantes – e usava apenas um jaleco branco.

A primeira mesa que se observa na imagem é aquela em que o cantor e compositor Lupicínio Rodrigues almoçava e compunha suas canções. Ele sentava e pedia um pedacinho de papel e um lápis, segundo conta um garçom da época em que Lupi frequentava o Naval.

Fica claro nesta fotografia que o Naval era um espaço do popular e da boemia. Seus frequentadores vinham das camadas baixas da cidade. Era um lugar onde se falava alto. Às vezes era possível ouvir as cantorias, ou um discurso inflamado, seja sobre futebol ou política.

Imagem - 7



Vista do interior do Bar Naval tirada no mês de novembro de 2015
Fonte: Acervo Pessoal/2015.

O mesmo ângulo da fotografia anterior, mas já no ano de 2015, com o bar reformado e bem diferente de suas características físicas originais. Pode-se observar que parece ser um lugar completamente diferente; um outro bar que não o Naval.

O que fica bem evidente ao analisar essa outra imagem é sua pintura, a qual proporcionou uma maior luminosidade ao ambiente. Foi colocada na metade da parede de madeira e nos dois arcos da parede direita – tendo os tijolos da construção original em evidência.

Quem frequentava – ou só quem passou na frente do Naval – lembra-se das suas paredes repletas de fotos. Elas eram de clientes ou de figuras ilustres que visitavam de vez em quando, e também de textos colados nas antigas paredes centenárias. Hoje os textos já não existem mais, e muitas fotografias, quando o bar foi fechado para a reforma, foram levadas pelo seu antigo dono, João da Costa Fernandes, já falecido.

Apenas algumas fotografias, que ganharam molduras, estão nas paredes contando um pouco da história e mostrando seus ilustres frequentadores. Nota-se, ainda que as antigas cadeiras, as quais permaneceram durante anos, foram trocadas por cadeiras com *design* mais moderno, e as toalhas de plástico substituídas por toalhas de tecido. Outra evidência do requinte agora presente no bar é o piso de porcelanato, mais bonito, requintado e caro, além da identificação do bar, que foi substituída por letras colocadas na parede e na cor dourada, como é possível ver do canto direito superior da foto.

Está claro que a mudança de frequentadores e de identidade foi muito drástica, pois o local conta com uma nova estrutura, uma mudança no seu cardápio e nos seus preços, que variam entre R\$ 54,00 a R\$ 170,00 reais. Sendo assim, os antigos frequentadores acabaram por perder sua identificação com o bar, que agora é um estabelecimento que serve à elite e não mais aos populares.

Obviamente, quem frequenta o bar, atualmente, tem uma identificação maior com o local, já que toda a sua infraestrutura foi remodelada para atender um público diferenciado dos boêmios e da malandragem.

Os novos frequentadores do Bar Naval, segundo a dona Marlene, mãe de um dos proprietários, são uma clientela fiel, e muitos deles são turistas de vários lugares do Brasil e de diferentes países. Ela ainda informou à autora do TCC que os antigos clientes, às vezes, aparecem por lá e, com pesar, falam: “Acabaram com o nosso Naval”, ou ainda “Não é mais o nosso Naval”. Dá para ver como o sentimento de pertencimento ainda está muito forte, mesmo tendo passado alguns anos.

CONCLUSÃO

Pesquisar sobre o Bar Naval e o Mercado Público foi uma experiência magnífica. Muitas pessoas passaram por ali e deixaram, de alguma forma, sua história no local. A pesquisa realizada não foi da maneira como se esperava, porque foi muito difícil achar reportagens que abordassem o bar ou o Mercado Público. Por outro lado, o trabalho com o manuseio de jornais antigos foi muito enriquecedor, pois permitiu a leitura sobre fatos importantes da história.

Em parte, conseguiu-se atingir os objetivos através das reportagens e das imagens que foram obtidas e interpretadas. Nota-se como o Bar Naval, mesmo depois da sua reforma, continua sendo um espaço de preservação da história do Mercado Público e da cidade de Porto Alegre.

Como já foi dito no decorrer do texto, o Naval teve toda sua parte interna reformada, e isso foi um fator determinante para que houvesse a mudança de clientela e de identidade do bar. A partir daí uma nova identidade começou a surgir. Os antigos frequentadores se afastaram do bar. Não é mais o lugar onde se cantava alto; onde conversas inflamadas eram iniciadas no balcão com seu João e podiam ser ouvidas da rua.

Com a sofisticação e elitização, o Bar Naval começou a atrair um outro público bem diferente do que frequentava anteriormente. Esse novo público são pessoas com uma condição financeira muito diferente. Seu poder aquisitivo é alto e na sua maioria são turistas.

Atualmente, preservar o patrimônio histórico requer investimentos, e esses investimentos só acontecem se o bem a ser preservado tiver potencial de lucro. Através da conservação do patrimônio histórico cultural é possível estabelecer relações com as nossas identidades.

Assim como o Mercado Público, o Bar Naval também é sinônimo de história e cultura, embora não seja mais para todos os públicos. Essas mudanças se deram a partir das ativações patrimoniais que ocorreram em 2011 com as reformas que foram feitas no bar. Essas ativações, é claro, foram realizadas visando o lucro e para atrair turistas, porque o que menos ficaram nas paredes do repaginado Bar Naval foram suas memórias.

Como agente histórica, a autora do TCC sente que deve ser feito um trabalho mais amplo em relação à preservação do patrimônio e da memória do Mercado Público e de seus bares mais antigos – e que contam a história da cidade também –, assim como deve ser feito um resgate da memória de vários outros lugares de importância histórica de Porto Alegre.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Maria (org.). **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2 eds. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/RonanTocafundo/bardin-laurence-anlise-de-contedo>>. Acesso em 12 dez. 2015.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Trad. Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Martins e Fontes, 1999.

CALONGA, Maurilio Dantielly. O jornal e suas representações: objeto ou fonte da história? IN: **Comunicação & Mercado/UNIGRAN** - Dourados - MS, vol. 01, n. 02 – edição especial, p. 79-87, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/1N2/7.pdf>>. Acesso em 10 jul. 2015.

COSTA, Ialê Menezes Leite. **A fotografia no Brasil Império**: fotografias de Luiz Terragno e Carlos César na Guerra do Paraguai (1865 – 1870). Trabalho de conclusão de curso. Porto Alegre. UFRGS, 2009.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: UNESP, 2001.

ELMIR, Claudio Pereira. Uma aventura com o Última Hora: o jornal e a pesquisa histórica. IN: **Anos 90** - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. V. 19, n.36. 2012 Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/31063>>. Acesso em 20 jun. 2015.

GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia**. São Paulo. Editora Schwarcz, 2013.

GUIMARAENS, Rafael. **Mercado Público**: Palácio do Povo. 1ed. Porto Alegre: Libretos, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira e outros. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Museu Imperial.

IPHAN/Min. Brasília, 1999.

KOSSOY, Boris. **O Relógio de Hiroshima: reflexões sobre os diálogos e silêncios das imagens**. Revista Brasileira de História, São Paulo, jan./jun., v. 25, n. 49. P. 41. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbh/v25n49/a03v2549.pdf>>. Acesso em 20 nov. 2020

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5 ed. Campinas: Unicamp. 2003.

MENEZES, Ulpiano B. **Fontes visuais, cultura visual, história visual:** balanço provisório, propostas cautelares: o ofício do historiador. *Revista Brasileira de História*, v. 23, n. 45, p. 11-36, jul. 2003.

MONTEIRO, Charles. **História, fotografia e cidade:** reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa. *MÉTIS: história e cultura*, v.5, n. 9, p. 11 – 23, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/781>>. Acesso em 15 nov. 2020

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, Imagem e Poder:** O surgimento da imprensa no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Patrimonial. Brasília: IPHAN, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (Coord.). **Memória Porto Alegre:** espaços e vivências. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS. 1991.

PUGLIESE, Vera. A problematização do método Panofskyano na historiografia da arte. **Caderno de resumos & Anais do 6º. Seminário Brasileiro de História da Historiografia – O giro-linguístico e a historiografia: balanço e perspectivas.** Ouro Preto: EdUFOP, 2012. ISBN: 978-85-288-0286-3.

PRATS, Llorenç. **La mercantilización del patrimonio: entre la economía turística y las presentaciones identitárias.** *PH Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico*, n. 58, p. 72-80, 2006.

PRATS, Llorenç. **Antropología y patrimonio.** 1. ed. Barcelona. Editorial Ariel, S.A., 1997.

ROMANO, Leonora. **Edifícios de Mercado Gaúchos:** Uma arquitetura dos sentidos. Dissertação de Pós-Graduação. Porto Alegre. UFRGS, 2004.

SEVERO, Fernanda. **Mercados de Porto Alegre:** Entre a cidade real e as cidades ideais. Dissertação de mestrado. PUC, 1999.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. In: **Dicionário de Conceitos Históricos.** Ed. Contexto – São Paulo; 2006. Disponível em: <http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/conceito_MEM%C3%93RIA.pdf>. Acesso em 05 set. 2020.

SOUTO, Barbára Figueiredo; SILVA, Roger Anibal Lambert da. Representações e combates discursivos: práticas da Imprensa nas décadas finais do século XIX. IN: **História em reflexão revista eletrônica.** Vol. 6 n. 11 – UFGD - Dourados jan/jun. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/viewFile/1886/1058>>. Acesso em 05 set. 2020.

VARINE, Hugues de. **Museologia Social, Patrimônio e Cidadania.** Porto Alegre: Unidade Editorial, 2000.

Bar Naval. Disponível em: <www.barnaival.com.br>. Acesso em 13 de abril de 2015.

Mercado Público. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2012/11/com-lancamento-nesta-terca-livro-recupera-a-historia-do-mercado-publico-de-porto-alegre-3941242.html>>. Acesso em 05 de set. de 2020.

Disponível em: <<http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia/2011/07/morre-walter-calixto-ferreira-o-mestre-borel-3376250.html>>. Acesso em 05 de set. de 2020.